

Pandemia e morte de mulheres: o que está acontecendo?

Em um país já doente pelo machismo, sexismo e morte de mulheres, surge um novo desafio: identificar as situações de risco e criar remédios para garantir a segurança das mulheres

Valéria Diez Scarance Fernandes
2 de junho de 2020

FUTURA PRESS/FOLHAPRESS



Funcionários de cemitério preparam sepultamento de vítima de feminicídio em Campinas

Um dos efeitos colaterais da COVID-19 tem sido a violência e morte de mulheres. Na China, Europa e também no Brasil registrou-se a escalada da violência doméstica e familiar contra a mulher, que chegou a triplicar em alguns locais e duplicou em outros.

Há duas forças antagônicas que caminham juntas durante a pandemia: o grande aumento da violência contra a mulher *versus* a grande redução dos registros de ocorrência.

O levantamento divulgado nesta semana pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública revelou exatamente essa contradição:

- queda de 25,5% dos registros de lesão corporal e de 28,7% das medidas protetivas;

- aumento da morte violenta de mulheres em 22% (feminicídios) e 8,8% (homicídios). No Acre, por exemplo, registrou-se um aumento de 300% nos índices de feminicídio.

Por que isso acontece?

Durante o período de pandemia, estão presentes os seguintes fatores de risco para as mulheres, que não só intensificam a violência, como também dificultam a procura por ajuda:

- ISOLAMENTO: com o isolamento, muitas mulheres ficaram confinadas com seu algoz em casa, local onde a maioria dos feminicídios acontece. Além disso, o isolamento social provoca um distanciamento das bases de segurança da mulher, como sua família, amigos, colegas de trabalho. Por esse motivo, o isolamento físico não pode importar em isolamento total, sugerindo-se o contato com familiares e amigos por telefone, redes sociais e outros.

- CONTROLE: homens abusadores controlam todos os aspectos da vida da parceira e se sentem ameaçados por condutas cotidianas da mulher, como ligar para uma amiga, falar com algum estranho ou mesmo dar atenção aos filhos e familiares. Durante o isolamento, a tendência é que o controle se intensifique e a mulher seja monitorada dia e noite. Por isso, há maior dificuldade de sair de casa para buscar ajuda, acionar serviços ou solicitar informações.

O boletim de ocorrência eletrônico, criado em alguns Estados como São Paulo, é uma estratégia imprescindível para garantir o registro do fato e a solicitação de medidas protetivas de urgência. Isso pode ser feito dentro de casa, pela própria vítima, com suas palavras e a partir de um aparelho com acesso à internet (como celulares, tablets, computadores).

- CONSUMO DE ÁLCOOL E DROGAS: embora álcool e drogas não sejam as causas da violência, esse consumo tem aumentado durante a pandemia e pode intensificar o risco de morte. A violência ocorre em razão de um padrão aprendido pelo homem ao longo da vida, em regra por exemplos dos pais ou pessoas próximas. Um alerta: a pandemia não transforma homens pacíficos em agressores, mas torna os homens violentos ainda mais violentos.

- PROBLEMAS ECONÔMICOS: a pandemia tem gerado desemprego, redução de salários, fechamento de inúmeros estabelecimentos. Para o homem violento, "ser homem" significa demonstração de poder nas suas relações e na sociedade, seja pela forma como age, seja pelo sexo, seja pelo poder econômico. Assim, esses homens sentem-se ameaçados diante de uma dificuldade econômica e reagem com violência para "restabelecer" a autoridade que julgam ter perdido.

Esses fatores mencionados são apontados em vários instrumentos de avaliação de risco ao redor do mundo. No Brasil, em março de 2020, foi aprovado o Formulário Nacional de Avaliação de Risco CNJ-CNMP pela Resolução número 5.

No anexo do documento, há o modelo de formulário com questionamentos quanto a fatores de risco, tal como a forma de violência, necessidade de atendimento médico em razão das agressões, comportamento de controle e ciúmes excessivo, aumento da frequência das agressões nos últimos meses, separação recente, existência de filhos no contexto. Além disso, quanto ao agressor, dentre outros, há os seguintes:

- O agressor faz uso abusivo de álcool, drogas ou medicamentos?
- O agressor tem alguma doença mental comprovada por avaliação médica?
- O agressor já tentou suicídio ou falou em suicidar-se?
- O agressor está em dificuldades financeiras, está desempregado ou com dificuldade para se manter no emprego?
- O agressor já usou, ameaçou usar arma de fogo contra você ou tem fácil acesso a uma arma?
- O agressor já ameaçou ou agrediu seus filhos, outros familiares, colegas de trabalho, pessoas desconhecidas ou animais?

O silêncio é sempre um fator de perigo. Assim, não registrar ocorrência e não solicitar medidas de proteção são posturas que podem levar à morte.

A Pesquisa *Raio X do Feminicídio: é possível evitar a morte*, do Núcleo de Gênero do Ministério Público de São Paulo, revelou que 97% das vítimas de feminicídio consumados ou tentados no Estado não tinham medida protetiva e 96% das vítimas de feminicídio consumado não registraram boletim de ocorrência.

A pandemia trouxe vários desafios para o Brasil e para o mundo. No nosso país, já doente pelo machismo, sexismo e morte de mulheres, agora enfrenta um novo desafio: identificar as situações de risco e criar remédios para mudar a situação. Para as mulheres, sobreviver à pandemia também significa sobreviver à violência.

Valéria Diez Scarance Fernandes

Promotora de Justiça e coordenadora do Núcleo de Gênero-CAOCRim, mestre e doutora em Processo Penal, e professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

[https://backup.forumseguranca.org.br/multiplas-vozes/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjjuh-hi3nj-iycsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q - 7as9i-47nyy-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-tnhnb-s5myy](https://backup.forumseguranca.org.br/multiplas-vozes/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjjuh-hi3nj-iycsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q-7as9i-47nyy-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-tnhnb-s5myy)

